

CONSTRUÇÕES DE FOCO E ARREDORES EM KUIKURO

Bruna Franchetto¹

bfranchetto@yahoo.com.br

RESUMO: O Kuikuro, variedade de uma língua pertencente a um dos ramos meridionais da família karib, fornece evidências a favor da complexidade da que foi chamada, desde Rizzi (1997), de ‘periferia esquerda’ (CP), camada da estrutura sintática da frase que faz interface com a pragmática do enunciado. Os aspectos descritos em artigo publicado em Franchetto e Santos (2010) incluem distintas projeções funcionais no Sistema Força-Finitude (CP expandido), sendo uma delas a de Foco (FocP). Este artigo aborda especificamente a análise do Foco em Kuikuro no âmbito da sintaxe da estrutura da informação. Uma periferia esquerda ativa caracteriza os enunciados kuikuro; para ela se move um e apenas um constituinte, seguido por um dêitico ao qual se sufixa uma cópula não verbal. As construções de Foco apresentam uma estrutura comum a interrogativas e relativas e os dêiticos carregam valores temporais, mostrando a interação crucial entre Foco e Finitude em uma língua onde o verbo apresenta uma flexão exclusivamente aspectual e nenhuma distinção entre finitude e não-finitude no verbo. A análise conclusiva das construções de Foco Kuikuro se inspira na de Puglielli e Frascarelli (s.d.) sobre o sistema Força-Finitude em Avar e Somali: a ativação de [+foc] tem um papel crucial na interpretação de outras categorias sintáticas e discursivas. Propomos que em Kuikuro, o Marcador de Foco (MF) é uma forma copular, como em Somali e Avar, o que implica a presença de uma Pequena Oração (*Small Clause*) na construção de Foco.

Palavras-chave: Kuikuro; Karib; periferia esquerda; foco.

INTRODUÇÃO

Desde Rizzi (1997), começamos a olhar com maior atenção para a assim chamada ‘periferia esquerda’ da frase, sobretudo nós que estudamos línguas indígenas das terras baixas da América do Sul, já que até muito recentemente pouco ou nada encontramos sobre o tema ‘foco’ ou ‘tópico’, e outros correlatos, nas descrições das gramáticas destas línguas.

Uma periferia esquerda ativa caracteriza muitos enunciados kuikuro, mais do que esperaríamos. A qualificação da informação estrutura sintaticamente a frase que se transforma em enunciado produzido a partir da intencionalidade (ou intencionalidades) de um locutor que se dirige a um ouvinte que deve interpretar tais intencionalidades e possíveis

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

sentidos estruturados em informações hierarquicamente conectadas, figura e fundo. Partículas epistêmicas e aspectuais, bem como o perfil entonacional, colaboram para essa arquitetura enunciativa decantada na sintaxe. A periferia esquerda da frase é o *locus* da interação entre sintaxe e pragmática, força ilocutiva, atos de fala, da informação manipulada pelo falante, em suma, o discurso. Na arquitetura sintática trata-se da camada complementizadora, que, por outro lado, domina a camada flexional, de modo que a primeira pode definir definitude e finitude, quando estas não se resolvem pela flexão, o que, como veremos, parece ser o que acontece em Kuikuro.

Neste artigo, que retoma com novos dados parte de artigo publicado anteriormente (Franchetto & Santos, 2010), ofereço uma descrição e análise das construções de foco em Kuikuro como um dos fenômenos que encontram seu lugar na periferia esquerda. A primeira seção oferece uma visão geral do povo kuikuro e uma síntese tipológica da variedade da Língua Karib do Alto Xingu por eles falada. O tema central, as construções de Foco, é tratado na segunda seção, seguida por uma descrição do paralelismo estrutural com seus ‘arredores’ – frases relativas e interrogativas. A interrelação entre Foco e Tempo, em uma língua sem Tempo verbal, é abordada na quarta seção e, por fim, na última parte, à guisa de conclusão, apresento uma análise das construções de Foco a partir de Rizzi (1997, 2001), que propõe uma cartografia da camada complementizadora expandida (CP), e do artigo inspirador de Puglielli e Frascarelli (s.d.) sobre Foco em línguas cushíticas.

1. OS KUIKURO E SUA ‘LÍNGUA’

Depois da publicação, no final do século XIX, da primeira etnografia do sistema regional multilíngue e multiétnico conhecido como ‘Alto Xingu’ (Steinen, 1894; 1940), e, mais ainda, a partir da chegada do estado nacional a este território imemorialmente indígena, na década de 40 do século passado, o termo ‘Kuikuro’ se cristalizou como etnônimo de um povo e, automaticamente, como nome de uma língua.

Hoje, cerca de 600 Kuikuro habitam seis aldeias, duas principais e quatro “satélites”, ao sudeste da Terra Indígena do Xingu, no Estado de Mato Grosso. Os Kuikuro fazem parte do sub-sistema karib, por sua vez incluído no sistema regional multilíngue e multiétnico do Alto Xingu, e falam uma das variedades da Língua Karib do Alto Xingu (daqui em diante LKAX), um dos ramos meridionais da família linguística karib (Meira & Franchetto, 2005).

Como qualquer ‘língua’, a LKAX é construído do linguista, já que o que existe são variedades dialetais, com dois dialetos principais, cada um deles subdividido em dois sub-dialetos: Kuikuro e Matipu-Uagihütü, de um lado, e, do outro, Kalapalo e Nahukwa-Matipu. Os verdadeiros auto-etnônimos são topônimos modificados pelo termo *ótomo* (donos, mestres) e são efêmeros na dimensão do tempo “histórico”.²

Apesar das considerações acima serem necessárias dado o abuso corrente de heterônimos atribuídos a povos indígenas na história oficial não-indígena, não conseguimos nos livrar dessas armadilhas e continuaremos a falar de “Kuikuro”.

As características morfosintáticas da LKAX, e do Kuikuro, podem ser sintetizadas nas seguintes generalizações:

- (i) é altamente aglutinativa e de núcleo final;
- (ii) ordem fixa e adjacência estrita caracterizam a relação entre qualquer núcleo (V, N, P) e o seu argumento (interno), resultando numa unidade fonológica prosodicamente delimitada: o acento culminativo principal marca o ponto de concatenação entre o núcleo e o seu argumento (Silva & Franchetto, 2011);
- (iii) é ergativa: o caso abolutivo é estrutural, não-marcado, *default*; o argumento externo é marcado pela posposição *heke* (ponto em perspectiva de início de uma ação ou de um evento que afeta um paciente) e é separado da unidade [Argumento.Interno V] prosodicamente, com frequência por partículas e advérbios; quando nominal o argumento externo tem autonomia e mobilidade, mas se pronominal só pode seguir a palavra verbal, com tendência a cliticizar-se a ela. (Franchetto, 1990; 2010);
- (iv) todos os verbos ‘intransitivos’ são inacusativos;
- (v) verbos e nomes são produzidos por operações sintáticas de concatenação entre raízes não-categorizadas e morfemas funcionais categorizadores (e re-categorizadores) (Franchetto, 2006; Santos, 2007);
- (vi) um único conjunto de formas pronominais prefixadas codifica o argumento interno de verbos, nominais e posposições;
- (vii) não há auxiliares e não há concordância explícita;
- (viii) os nominais argumentos de verbos, nomes e posposições são ‘nús’, ou seja indeterminados por número e definitude (Franchetto et al., 2013);

² O termo ‘Kuikuro’ é uma corruptela de *kuhi ikugu ótomo*, ‘mestres/donos do igarapé dos peixes-agulha’, denominação da primeira aldeia dos Kuikuro como grupo autônomo no interior do sistema alto-xinguano, provavelmente na passagem do século XVIII para o século XIX, ainda citada no final do século XIX e registrada por Steinen (1894,1940).

(ix) A alomorfa de muitos morfemas gramaticais sufixados é determinada por classes morfológicas (Franchetto 1986; Santos 2007).

A palavra verbal, sintetizada na estrutura abaixo, tem, além de prefixos de pessoa e detransitivizadores, sufixos verbalizadores, transitivizadores, aspectuais, de modo, número, e negação.

Abs/Pr(-DTR)-Raiz-(Vcat)(-VBLZ)(-Tr)-Modo-ASP(-Número)(-FUT)(-COP)

Os exemplos de (1) a (5) ilustram as generalizações listadas anteriormente:³

(1) u-angahe-guN-tagü

1-pular-VBLZ.INTR-CONT

‘eu estou pulando’

(2) u-giko-tsuN-tagü

leha

1-cabeça-VBLZ.INTR-CONT CMPL

‘eu já estou com dor de cabeça’

(3) itsu heke leha u-giko-tsi-tsagü

ruído ERG CMPL 1-cabeça-VBLZ.TR-CONT

‘o barulho já está me fazendo doer a cabeça’

(4) u-giko-tsi-tsagü leha itsu heke (leha)

1-cabeça-VBLZ.TR-CONT CMPL ruído ERG (CMPL)

³ Os dados em Kuikuro são transcritos usando a ortografia estabelecida pelos professores kuikuro em colaboração com o linguista (Bruna Franchetto) e usada correntemente. As correspondências não óbvias entre grafemas (incluindo dígrafos e trígrafos) e os sons que eles representam são as seguintes: ü (vogal alta entre central e posterior não-arredondada), j (consoante palatal vozeada), g (flap uvular), ng (consoante nasal velar), nh (consoante nasal palatal), nkg (consoante oclusiva velar vozeada pré-nasalizada). N representa uma nasal flutuante subespecificada. As abreviações das glosas na anotação interlinear são: 1, 1ª pessoa; 2, 2ª pessoa; 3, 3ª pessoa; 12, 1ª pessoa dual inclusive; 13, 1ª pessoa plural exclusiva; 1D, dêitico de 1ª pessoa; 3DDIST, dêitico [+distante] de 3ª pessoa; 3DPROX, dêitico [-distante] de 3ª pessoa; 3PLDDIST, dêitico [+distante] de 3ª pessoa plural; ABL, ablativo; ADV, adversativo; AENR, nominalizador de argumento externo; AINR, nominalizador de argumento interno; AL, alativo; AN, anafórico; BEM, benefactivo; CMPL, completivo, CONT, aspecto continuativo; COP, cópula; DDIST, dêitico [+distante]; DPROX, dêitico [-distante]; DTR, detransitivizador; ERG, ergativo; FIN.NEG, finalidade negativa; FUT, futuro; HAB, aspecto habitual; ME, marcador epistémico; ME.DUB, marcador epistémico de dúvida; MF, marcador de foco; MO, marcador de objeto; Ncat, categorizador nominal; NP, passado nominal; NEG, negação; NMLZ nominalizer; NR, nominalizador; OG, objeto genérico; PRF, perfeito/perfectivo; PL, plural, PNC,T aspecto pontual; PRSP, perspectiva; PTP, participio; REL, relacional; REF, referencial; RFL, reflexivo; VBLZ.INTR, verbalizador intransitivo; VBLZ.TR, verbalizador transitivo.

‘o barulho já está me fazendo doer a cabeça’

- (5) e-giko-tsi-tsagü-ko leha u-heke
2-cabeça-VBLZ.TR-CONT-PL CMPL 1-ERG
‘eu já estou fazendo doer a cabeça de vocês’
*uheke leha e-giko-tsi-tsagü-ko

A estrutura da palavra nominal, sintetizada abaixo e ilustrada pelos exemplos (6) e (7), mostra o paralelismo estrutural com a palavra verbal:

Abs/Pers-Raiz-Ncat(-NMLZ)-REL(-Número)(-ASP)(COP)

- (6) e-gi-tü-gü-ko
2-cabeça-Ncat-REL-PL
‘cabeça de vocês’

- (7) tis-iku-tse-ga-tinhi-^mbüngü
13-desenho-VBLZ-CONT-AENR-REF
‘o que está nos pintando’

2. A PERIFERIA ESQUERDA EM KUIKURO E AS CONSTRUÇÕES DE FOCO

Em uma sessão de elicitación de construções de foco, com elemento focado em ostensão em contexto não narrativo, foram registradas as construções que seguem:

Foco do argumento único (absolutivo) de verbo intransitivo:⁴

⁴ O leitor deve se perguntar, certamente, sobre o significado e a natureza do onipresente clítico *ha*, ao qual não atribuo uma glosa tradutiva e que pode ocorrer mais de uma vez no enunciado. Derbyshire (1985) chama a mesma ‘partícula’ em Hixkaryana, uma língua Karib setentrional, de ‘intensificador’. *Ha*, comparado pelos jovens Kuikuro letrados a uma ‘vírgula’, merece uma análise específica. *Ha*, certamente, demarca uma fronteira sintática e o valor informacional de um constituinte. Poderia ser interpretado como um marcador da camada complementadora (CP) e, nela, como núcleo de uma projeção funcional essencial. Veja-se um trecho retirado de uma narrativa (história de vida, Fem_eginhoto, 240-42):

lepene=ha gehale-ha u-i-nhüügü Patsi tolo itajope-gü-i gehale
depois=HA também=HA 1-ser-PNCT Patsi tolo perguntador-REL-COP também
‘então eu também me tornei o perguntador para a festa *tolo* de Patsi’
Patsi kagahuku-gu tüü-lü-ha ti-heke gehale
Patsi cerca-REL fazer-PNCT-AF 13-ERG também
‘nós também fizemos a cerca (da roça) de Patsi’

- (8) u-ingaNtsu=ha ekise-i t-iniluN-ta-ti-nhü-i
 1-irmã=HA 3DDIST-COP(MF) AN-chorar-CONT-PTP-AINR-COP
 ‘minha irmã estava chorando (ou: era minha irmã que estava chorando)’

Foco do argumento interno de verbo transitivo:⁵

- (9) hikutaha=ha ege-i u-ingaNtsu ng-enge-tagü
 tracajá=HA DDIST-COP(MF) 1-irmã MO-comer-CONT
 ‘era tracajá que minha irmã estava comendo’

Foco do argumento externo de verbo transitivo:

- (10a) u-ingaNtsu=ha ekise-i hikutaha enge-ni-mbüngü
 1-irmã=HA 3DIST-COP(MF) tracajá comer-AENR-REF
 ‘era minha irmã que estava comendo tracajá’ (contexto: o falante aponta para o agente [+animado, -visível, +distante] de ‘comer’)

- (10b) u-ingaNtsu=ha ese-i hikutaha enge-ni-mbüngü
 1-irmã=HA 3DPROX-COP(MF) tracajá comer-AENR-REF
 ‘minha irmã está comendo tracajá’ (lit. esta é minha irmã, a que com tracajá)
 (contexto: o falante indica o agente [+animado, +visível, -distante] de ‘comer’)

- (10c) *u-ingaNtsu=ha ege-i hikutaha enge-ni-mbüngü
 1-irmã=HA DDIST-COP(MF) tracajá comer-AENR-REF
 ‘aquela é minha irmã, a que comeu tracajá’ (contexto: o falante indica o agente [-animado, +distante] de ‘comer’)

uge-ha i-hotu-gü-i t-a-ti-nhü-i
 1D=HA 3-bico-REL-COP AN-stay-PTP-AINR-COP
 ‘eu fui a primeira a ficar como perguntador’

⁵ Observe-se que a ‘focalização’ (ou relativização) do argumento interno de verbo transitivo como em (9) resulta em uma construção distinta das de argumento de verbo intransitivo como em (8) e de argumento externo de verbo transitivo como em (10). Nas duas últimas o verbo é nominalizado: uma nominalização a partir de uma base participial e uma nominalização agentiva, respectivamente. Em (9), o verbo transitivo perdeu seu argumento interno, movido para CP, mas na posição deste aparece um prefixo que chamo de marcador de objeto (MO). Seguindo Marantz (1984), diria que o morfema *ng-* (MO), ocupa a posição de argumento interno, recebendo papel temático, mas incapaz de receber o caso estrutural (Absolutivo), que é atribuído ao argumento externo. Chamo esta construção de ‘de-ergativizada’ (Franchetto, 1990, 2010), já que o verbo parece ser intransitivo apenas superficialmente. A de-ergativização caracteriza também, como veremos, outras construções de Foco associadas à força ilocutiva de perguntas, comandos (modo imperativo) e exortações (modo hortativo).

Essas construções merecem uma análise atenta. O constituinte em foco está sempre no início da frase, sendo seguido por um dêitico e uma cópula (não verbal) a ele sufixada, elementos que considero como sendo o MF (Marcador de Foco). Uma breve descrição dos dêiticos *kuikuro* é necessária. Eles são especificados por traços semânticos de animacidade (seres animados não mais vivos passam a ser não-animados), visibilidade (estar no campo visual do falante), distancia/proximidade (do falante, no espaço e no tempo), pessoa e número (no caso de dêiticos de pessoa). Nas construções de Foco, a escolha de um ou outro dêitico é motivada pela interação entre seus traços semânticos e a semântica do verbo em um contexto específico.

Nas construções de foco exemplificadas de (8) a (10), o MF separa a periferia esquerda do verbo nominalizado de uma Pequena Oração (*Small Clause*). O morfema *-mbüngü*, sufixado à nominalização, é também um elemento essencial das construções de Foco, sendo a sua função a de um operador determinante, especificando um entre os membros de um conjunto (alternativas potenciais). A agramaticalidade de (10c) resulta do conflito entre o traço [-animado] do dêitico *ege* e o traço [+animado] do agente de ‘comer’.

Por outro lado, nas construções de Foco onde o verbo não é nominalizado, somente os dêiticos *ege/ige* [-animado, +distante/-distante] como MF podem ocorrer. Neste caso, a interpretação depende de um único tipo de contexto: o relato de um evento, próximo ou distante no tempo com relação ao falante:

(11a) u-ingaNtsu heke=ha ege-i [hikutaha enge-lü
 1-irmã ERG=HA DDIST-COP(FM) tracajá comer-PNCT
 ‘minha irmã comeu tracajá / foi minha irmã que comeu tracajá’ (contexto: o falante está contando)

(11b) *u-ingaNtsu heke=ha ekisei-i hikutaha enge-lü
 1-irmã ERG=HA 3DDIST-COP(MF) tracajá comer-PNCT
 ‘minha irmã comeu tracajá / foi minha irmã que comeu tracajá’ (contexto: o falante indica o agente [+animado, +visível, +distante] de ‘comer’)

(11c) *u-ingaNtsu=ha ekise-i hikutaha enge-ni-mbüngü
 1-irmã=HA 3DDIST-COP(MF) tracajá comer-AENR-REF
 ‘minha irmã comeu tracajá / minha irmã foi a que comeu tracajá’ (contexto: o falante está contando)

A agramaticalidade de (11b) e (11c) resulta do conflito entre um dêítico [+animado] em MF quando o contexto é um relato, uma narrativa, independentemente do verbo ser nominalizado ou não.

Note-se que construções de Foco caracterizam a maioria dos enunciados com predicados não-verbais:

(12) u-hi-tsü ekise-i atütü
 1-esposa-REL 3DDIST-COP bonito
 ‘minha esposa é bonita’

(13) Jahila ekise-i anetü
 Jahila 3DDIST-COP chefe
 ‘Jahila é (o/um) chefe’

(14) Maga-ha ekise-i kapohongo Buguna heke
 Mara=HA 3DDIST-COP alto Bruna PRSP
 ‘Mara é mais alta do que Bruna’

Observar a ocorrência das construções de Foco em diferentes gêneros de fala pode ser interessante. Vejamos trechos retirados de distintos tipos de narrativa (*akinha*, gênero reconhecido e nomeado pelos Kuikuro).

Na narrativa em que se conta a chegada de Kalusi - Karl Von den Steinen - ao Alto Xingu, no final do século XIX, construções de Foco caracterizam os trechos em que as personagens são apresentadas ao ouvinte-responder:⁶

(15) Tugumai ekise-i Maginatu-i
 Trumai aquele-COP Maginatu-COP
 ‘ele era Trumai, Maginatu’

Matuhi-tongopeinhe=ha ege-i is-i-tagü Jügamü-na
 Matuhi -ABL=HA DDIST-COP 3-vir-CONT Jügamü-AL
 ‘de Matuhi, ele vinha para Jügamü’

⁶ Narrativa gravada com Hopesé, na aldeia Ipatse, em julho de 2000.

Na narrativa que conta as gestas de Tamakahi, um dos últimos *tahaku oto* (‘mestre do arco’, guerreiro), selecionei um dos primeiros enunciados e o último:⁷

(16) ige koko=ha ege-i kuk-ingajomo heke u-ipoN-tzagü
 DPROX noite=HA DDIST-COP 12-irmãs ERG 1-carregar-CONT
 ‘esta noite, nossas irmãs me carregaram’

...

t-umu-gu hügi-pügü-i=ha ege-i
 RFL-filho-REL morrer.flechado-PRF-COP=HA DDIST-COP
 tu-e-lü i-heke
 OG-matar-PNCT 3-ERG
 ‘para morrer junto com o seu filho, ele o matou’

Nahu, intérprete e líder político na época da chegada dos irmãos Villas-Boas nos anos 40, conta a sua vida (Franchetto, 2014):⁸

(17) Kalapalu-na=ha ege-i etimbe-lü
 Kalapalo-AL=HA DDIST-COP 3.vir-PNCT
 ‘para os Kalapalo, ele (Orlando Villas-Boas) veio’

inhalü-ma português uhu-tinhi inhalü
 NEG-ME.DUB português saber-AENR NEG
 ‘não tinha ninguém que entendia português’

üle-hinhe hüle ege-I u-itsongone-nügü-ha
 AN-FIN.NEG ADV DDIST-COP 1-convidar-PNCT-HA
 ‘foi por isso que eles me convidaram’

Sepé, professor kuikuro, lembrou, escrevendo diretamente no computador, os conselhos de sua falecida mãe:

(18) haingo-ko heke=ha ege-i ta i-heke-ni
 Adultos-PL ERG=HA DDIST-COP falar.CONT 3-ERG-PL
 ‘para os jovens adultos, eles estavam falando’

⁷ Narrativa gravada com Agatsipá, na aldeia Ipatse, em junho de 1977.

⁸ Narrativa gravada com Nahu, na aldeia Ipatse, em novembro 2003.

...

ando-ngo-ko-pe ingi-nga-lü naha igei u-heke
hoje-NR-PL-NP ver-HAB-PNCT ME DPROX-COP 1-ERG
'eu sempre fico olhando os de hoje'

...

üle atehe ti-ha ige-i u-ki-nga-lü e-heke
AN por.isso ME=HA DPROX-COP 1-dizer-HAB-PNCT 2-ERG
'por isso eu falo sempre para você'

3. CONSTRUÇÕES DE FOCO E ARREDORES

Esta breve sessão trata das semelhanças estruturais entre construções de foco, as que traduzimos como relativas e os enunciados interrogativos.

3.1 RELATIVAS

Nominalizações e a forma de-ergativizada do verbo (ver nota 5) caracterizam também relativas, além das construções de foco exemplificadas de (8) a (10) e em (19) e (21):

(19) hūati=ha ekise-i u-heku-te-ni
pajé=HA D3DIST-COP(MF) 1-bom-VBLZ-AENR
'aquele é o pajé que me curou'

(20) hūati te-lü leha u-heku-te-ni
pajé ir-PNCT CMPL 1-bom-VBLZ-AENR
'o pajé que me curou foi embora'

(21) u-ingaNtsu=ha ese-i hūati ng-heku-te-pügü
1-irmã=HA 3DPROX-COP pajé MO-bom-VBLZ-PRF
'minha irmã, o pajé curou / esta minha irmã é a que o pajé curou'

- (22) u-ingadzu te-lü leha hüati ng-heku-te-püü
 1-irmã ir-PNCT CMPL pajé MO-bom-VBLZ-PRF
 ‘a minha irmã, que o pajé curou, foi embora’

É evidente a semelhança estrutural entre as construções propriamente de foco e as que traduzimos como relativas, exemplificadas em (20) e (22). Note-se que estas últimas, sejam elas nominalizações ou de-ergativas, não ocorrem, preferencialmente, contíguas ao nome que modificam, o que evita argumentos ‘pesados’, dissolvendo-os.

3.2 INTERROGATIVAS

Construções de Foco caracterizam interrogativas de argumento para as quais se requer uma resposta que identifique com precisão o argumento interrogado: o verbo é nominalizado e a frase se apresenta como claramente bi-oracional, composta por duas predicções evidenciadas pela cópula *-i*. A mesma interação entre os traços semânticos do MF e o verbo, tratada na seção 2, pode ser observada também nas interrogativas:

- (23) tü-ma ekise-i kanga enge-ni-i
 QU-ME.DUB 3DDIST-COP peixe comer-AENR-COP
 ‘quem comeu (o) peixe?’ (lit. quem peixe comedor-é?)
 Resposta específica: uingaNtzu / tago
 ‘minha irmã’ / ‘ariranha’

- (24) tü-ma kanga enge-ni
 QU-ME.DUB fish eat-AENR
 ‘quem comeu (o) peixe?’
 Resposta genérica: kuge / ngene (resposta genérica)
 ‘gente’ / ‘bicho’

- (25) tü-ma ekise-i t-alamaki-ga-ti-nhü-i?
 QU-ME.DUB 3DDDIST AN-cair-CONT-PTP-AINR-COP
 ‘quem caiu?’ (lit. quem caído-é?)
 Resposta específica: uindisü
 ‘minha filha’

(26) t̥i=nile ege-i u-ng-enge-l̥i-i
 QU=ME DDIST-COP 1-MO-comer-PNCT-COP
 ‘o que foi que comi?’ (lit. o que aquilo-é meu comida-é)

(27a) t̥i-ma ege-i kanga enge-ni
 WH-ME.DUB DDIST-COP peixe comer-AENR
 ‘quem/o que assustou o peixe?’
 Resposta específica: ehu itsu
 canoa barulho
 ‘o barulho do barco’

(27b) *t̥i-ma egei kanga engeni
 WH-ME.DUB DDIST-COP peixe comer-AENR
 ‘quem comeu o peixe?’

(27b) é agramatical pela mesma razão pela qual (10c) é agramatical: os traços do dêitico estão em conflito com a semântica do verbo (‘comer’). Por outro lado, a gramaticalidade de (27a), aparentemente igual a (27b), resulta da interpretação do verbo ‘comer’ como ‘assustar’ (consumpção psicológica).

Foco caracteriza também interrogativas QU onde o verbo não é nominalizado e, novamente, se requer uma resposta específica:

(28) t̥i-inha-ma ege-i Malu heke kamisa humi-l̥i
 WH-BEN-ME.DUB DDIST-COP(FM) Malu ERG camisa enviar-PNCT
 ‘para quem exatamente Malu enviou a camisa?’

Em Kuikuro é também possível ter uma interrogativa Sim/Não que seja simplesmente uma construção de Foco declarativa com um diferencial prosódico. Compare-se (29a) e (29b); a saliência fonológica da concatenação interna ao sintagma verbal, entre o argumento interno e o verbo, é realizada com um *pitch* mais alto na contraparte interrogativa:

(29a) h̥iati heke-ha ege-i ekise heku-te-l̥i
 Pajé ERG-HA DDIST-COP(MF) 3DDIST curar-VBLZ-PNCT
 ‘foi o pajé que o curou’

(29b) hūati hekeha egei ekiSE HEkutelū

‘foi o pajé que o curou?’

Nas frases acima, o argumento externo está em (ou se move para) FocP (sintagma de Foco); a diferença entre elas está no contraste prosódico entre os SV à direita.

Partículas com valor epistémico (ME), ocorrem com frequência nos enunciados kuikuro e sempre em segunda posição; já encontramos algumas delas em frases interrogativas. As ME *niküle/ka(ha)/nika* por si induzem uma interpretação interrogativa de uma construção de Foco. A sua eliminação resulta na frase de Foco declarativa correspondente:

(30a) kogetsi ka=ha ito ugi-jü-ingo e-heke-ni
amanhã ME=HA fogo soprar-PNCT-FUT 2-ERG-PL
‘você fará fogo amanhã?’

(30b) kogetsi=ha ege-i ito ugi-jü-ingo e-heke-ni
tomorrow=HA DDIST-COP fogo soprar-PNCT-FUT 2-ERG-PL
‘amanhã você fará fogo’

O enunciado interrogativo em (30a) pode ser interpretado como uma pergunta retórica. Os significados dos marcadores epistémicos (ME) nos enunciados interrogativos, como em (30a), são nuances de um ato de procura, na espera de uma resposta confirmativa, no contínuo entre certeza e incerteza (do falante). Num extremo, o ME mais comum, *-ma*, expressa a falta de conhecimento de um falante cheio de incerteza e que quer uma resposta. No outro extremo, os ME *niküle/nika/ka(ha)* veiculam o sentimento de forte probabilidade de um falante que espera uma resposta de confirmação daquilo que ele sabe que o seu interlocutor sabe.

3.4 FOCO, TEMPO, FINITUDE

Em Kuikuro, como nas outras variedades da LKAX e como em muitas línguas ameríndias e do mundo, o Tempo não está no verbo. Distinguem-se, apenas, duas categorias que, com alguma dúvida, podemos chamar de ‘temporais’: Futuro e Não-Futuro. A flexão verbal é tão somente aspectual: Pontual, Continuativo, Perfeito. A interpretação temporal do

Continuativo é ambígua quando fora de contexto, sendo a inferida *default* a que o momento da enunciação coincide com o momento de referência (o nosso “presente”), interpretação excluída para o aspecto perfeito. A inferência temporal do aspecto Pontual é de uma leitura como Tempo genérico (“crianças choram à toa”) ou como passado recente.

O Tempo, todavia, pode estar em um dêitico, como mostra o contraste entre as construções de foco (31) e (32), a seguir, :

(31a) akago t-ongi-nügü=ha ege-i i akunga-ti
 3PLDDIST DTR-esconder-PNCT=HA DDIST-COP árvore sombra-AL
 ‘eles se esconderam, na sombra (atrás) da árvore’

(31b) i akunga-ti=ha ege-i akago t-ongi-nügü
 árvore sombra.AL=HA DDIST-COP 3PLDDIST DTR-esconder-PNCT
 ‘na sombra (atrás) da árvore, eles se esconderam’

(32) i akunga-ti=ha ige-i akago t-ongi-nügü
 tree sombra-AL=HA DPROX-COP 3PLDDIST DTR-esconder-PNCT
 ‘atrás da árvore, eles se escondem’

A periferia esquerda da frase, camada que domina as camadas flexional e lexical e *locus* da interação entre proposição e força pragmática, abriga em sua fronteira um dêitico, ao qual é sufixada a cópula não verbal *-i*, e que induz uma interpretação temporal. Nos exemplos acima, a tradução interpreta temporalmente o contraste entre os dêiticos *ege* e *ige*, respectivamente distância (um passado) e proximidade (um presente) espaço-temporal. Podemos dizer, então, que o complexo dêitico-cópula, marcador de Foco, desempenha também a função de atribuir definitude (temporal) à predicação, já que a flexão aspectual por si não define uma forma finita do verbo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Como disse no início deste artigo, uma periferia esquerda ativa caracteriza uma considerável quantidade e variedade de enunciados em Kuikuro, mostrando a arquitetura sintática da organização da informação comunicada. Partículas epistêmicas e aspectuais, bem

como o perfil entonacional, colaboram para a sintaxe da estrutura enunciativa. Vimos que apenas um constituinte pode ocorrer na periferia esquerda das que consideramos construções de Foco, sendo ele separado do restante da frase por um dêitico ao qual se prende o sufixo *-i*, uma cópula não verbal. Considerar tais enunciados como bi-oracionais parece uma conclusão justificada.

Retomo a análise apresentada em Franchetto & Santos (2010), elaborada a partir não apenas da proposta de Camada Complementizadora (CP) expandida apresentada em Rizzi (1997 e 2001), mas também da elaborada por Puglielli & Frascarelli (s.d.) para as construções de Foco em Somali e Avar, duas línguas cushíticas.

Os dados de Kuikuro mostram uma periferia esquerda complexa. Uma rica morfologia permite uma notável diversidade de recursos para codificar diferentes projeções funcionais no interior da periferia esquerda, ou seja, no interior de CP, cujos núcleos são preenchidos por elementos QU, partículas de força ilocutiva, marcadores de Foco e Tópico, e outros marcadores funcionalmente equivalentes. Os especificadores dessas projeções recebem os constituintes (interrogados, em foco, etc.) ‘atraídos’ pelas projeções ativas. O sintagma de Força (ForceP) e o sintagma de Finitude (FinP) seriam os limites mais alto e mais baixo, respectivamente, do Sistema CP. ForceP é o *locus* das intenções comunicativas do falante ao realizar diferentes atos de fala (perguntas, ordens, constatações, etc.). FinP, a projeção mais baixa, é a interface entre CP e IP (camada flexional), afetando ou determinando “a natureza finita ou não-finita da frase, distinções de modo, distinções temporais explícitas, concordância de sujeito licenciando caso nominativo” (Rizzi 1997: 283, 284). Entre ForceP e FinP, estão outras projeções como a de Foco (FocP).

O sistema CP em Kuikuro pode ser representado como:

[ForceP [TopP [IntP [FocP [FinP

Reproduzimos a seguir alguns dos exemplos de construções de Foco, com sua análise formalizada em estruturas parententizadas:

(33) Jahila ekise-i anetü

Jahila 3DDIST-COP chefe

‘Jahila, é (o/um) chefe’

[_{ForceP} [_{FocP}[Jahila_k [_{Foc'} ekisei [_{FinP}[REL anetü_{tk}]]]]]]

(34) u-ingaNtsu ekise-i hikutaha enge-ni-mbüngü

1-irmã 3DDIST-COP tracajá comer-AENR-SUBS

‘minha irmã, comeu tracajá’

[ForceP [FocP[u-ingaNtsu_k [Foc' ekisei [FinP[REL hikutaha engenimbüngü_{tk}]]]]]]]

- (35) hüati heke=ha egei ekise hekute-lü
 pajé ERG=HA DDIST-COP 3DDIST curar-PNCT
 ‘o pajé, curou ele’

[ForceP [FocP[hüati hekeha_k [Foc' ege-i [FinP[IP ekise heketelü_{tk}]]]]]]]

Vimos que perguntas QU são construídas com uma estrutura de Foco, como em (28), reproduzida em (36):

- (36) tü-inha-ma ege-i Malu heke kamisa humi-lü
 WH-BEN-ME DDIST-COP(FM) Malu ERG camisa enviar-PNCT
 ‘para quem Malu enviou a camisa?’

No sistema CP, o sintagma interrogativo é mais alto de FocP; podemos, assim, representar o enunciado em (36), paralelo a um enunciado de Foco, pela estrutura abaixo, onde IntP e FocP são ativadas e conectadas:

[ForceP [IntP tüinha_k-ma [FocP[Foc' egei [FinP [IP Malu heke kamisa humilü_{tk}]]]]]]]

O MF (Marcador de Foco) em Kuikuro é uma forma copular como em Somali e Avar. Puglielli & Frascarello argumentam que nestas línguas os MF, formas copulares em sua origem, implicam a presença de uma Pequena Oração (*Small Clause*) na construção de Foco. As autoras mostram que a ativação de [+foc] desempenha um papel crucial na interpretação de outras categorias discursivas e que é importante considerar a interação entre núcleos funcionais no domínio CP.

Em Kuikuro, os marcadores epistémicos (ME) estão presentes em boa parte dos enunciados expressando a natureza da Força Illocutiva (ForceP); modalidade epistémica e Tópico dependem da Força Illocutiva.⁹ A partir dessas primeiras incursões na periferia esquerda kuikuro, penso que os ME se comportam menos como núcleos de uma projeção funcional específica e mais como operadores parasíticos de outras projeções, seguindo as propostas de Blain & Déchaine (2007) and Matthewson (2008).

⁹ Haegeman (2004:164) afirma: “...(Force) guarantees anchoring to the speaker and is implicated in the licensing of, among other things, illocutionary force and epistemic modality...(Epistemic modality) expresses the speaker’s stance concerning the likelihood of the state of affairs/event, which is anchored to speech time”.

Em Franchetto e Santos (2010), argumentamos, analisando enunciados condicionais, que, em Kuikuro, ForceP interage ativamente com FinP. Agora, espero ter mostrado a interação importante entre FocP e FinP no que concerne a expressão de Tempo, já que os dêiticos *default* [-animado] *ige* and *ege* possuem valores temporais contrastivos ancorados ao tempo da fala e, por consequência, ao falante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLAIN, Eleanor M; DÉCHAINED, Rose-Marie. Evidential types: evidence from Cree dialects. *International Journal of American Linguistics*, 73, no 3 (2007). 257-91. 2007.
2. DERBYSHIRE, Desmond. *Hixkaryana and Linguistic Typology*. Arlington: The Summer Institute of Linguistics and The University of Texas at Arlington. 1985.
3. FRANCHETTO, Bruna. Falar Kuikuro. Estudo etnolingüístico de um grupo caribe do Alto Xingu. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1986.
4. FRANCHETTO, Bruna. Ergativity and Nominativity in Kuikuro and Other Carib Languages., In: PAYNE, Doris. *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press. 1990.
5. FRANCHETTO, Bruna. Are Kuikuro Roots Lexical Categories? In: LOIS, Ximena; VAPNARSKI, Valentina *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages*,. Bern: Peter Lang. 2006.
6. FRANCHETTO, Bruna. The ergativity effect in Kuikuro (Southern Carib, Brazil). In: SPIKE, Gildea; QUEIXALÓS, Francesc. *Ergativity in Amazonia*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.
7. FRANCHETTO Bruna; SANTOS M. Cartography of expanded CP in Kuikuro (Southern Carib, Brazil). In: CAMACHO, José; GUTIÉRREZ-BRAVO, Rodrigo; SÁNCHEZ, Liliana. *Information Structure in Indigenous Languages of the Americas, Syntactic Approaches*. New York: De Gruyter Mouton. 2010.
8. FRANCHETTO, Bruna; SANTOS, Mara; LIMA, Suzi. Count/Mass distinction in Kuikuro: on individuation and counting. *Revista LinguiStica*. Revista do Programa de

- Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, número 1, junho de 2013. <http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>
9. HAEGEMAN, Liliane. Topicalization, CLLD and the Left Periphery. In: SHAER, F. Werner; and MAIENBORN, C. *Proceedings of the Dislocated Elements Workshop, ZAS Berlin, November 2003 (2 Volumes)*. *ZAS Papers in Linguistics* 35. 2004.
 10. MATTHEWSON, Lisa. Evidentials as epistemic modals: evidence from St'át'imcets. In: CRAENENBROEK, Jeroen. *The Linguistic Variation Yearbook 2007*. New York: John Benjamin Publishing Co. 2008.
 11. MARANTZ, Alec. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge MA: MIT Press. 1984.
 12. MEIRA, Sérgio; FRANCHETTO, Bruna. The Southern Cariban Languages and the Cariban Family. *International Journal of American Linguistics*, vol 71, n. 2. Chicago: Chicago University Press. 2005.
 13. PUGLIELLI Anna Rita; FRASCARELLI, Mara. Focus in the Force-Fin System: Information Structure in Cushitic Languages. (s.d.).
 14. RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. *Elements of Grammar. Handbook of Generative Grammar*. 281-337, Dordrech: Kluwer Academic Publishers. 1997.
 15. RIZZI, Luigi. On the Position Int(errogative) in the Left Periphery of the Clause. In: CINQUE, Guglielmo; SALVI, Gianpaolo. *Current Studies in Italian Syntax. Essays offered to Lorenzo Renzi*. Amsterdam, New York: Elsevier. 2001.
 16. SANTOS, Gélsama Mara Ferreira dos. Morfologia Kuikuro: gerando verbos e nomes. Tese de Doutorado., Programa de Pós-Graduação em Lingüística, UFRJ. 2007
 17. SILVA, G. R., FRANCHETTO, B. Prosodic distinctions between the varieties of the Upper-Xingu Carib language: results of an acoustic analysis. *Amerindia* 35: La structure des langues amazoniennes II. 2011.
 18. STEINEN, Karl von den. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Reiseschilderung und Ergebnisse der zweiten Schingú-Expedition 1887-1888*. Berlin: Geographische Verlagsbuchhandlung von Dietrich Reimer. 1894.
Tradução para o português: STEINEN, Karl von den. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Revista do Arquivo Municipal. 1940.

ABSTRACT: Kuikuro, a dialect of a Southern Karib language, shows a complex left periphery of the utterance (Rizzi, 1997), the layer of the syntactic structure in interface with the pragmatics of the utterance. In Franchetto & Santos (2010), distinct functional projections in the Force-Finitude System (expanded Complementizer Phrase) have been described, including FocP (Focus Phrase). This article describes and analyses, specifically, the Kuikuro FocP in the realm of the syntax of the information structure. An active left periphery characterizes most of the Kuikuro utterances: just one constituents and no more than one, moves to FocP, followed by a deictic and a non-verbal copula. Focus constructions have the same structure of interrogative and relative constructions. The deictics have tense values showing the crucial interaction between Focus and Finitude in a language where the verb is inflected only for aspects without any distinction between finite and non-finite form. The conclusive analysis of Kuikuro Focus constructions follows that done by Puglielli e Frascarelli (n.d.) of the Force-Finitude System in Avar and Somali: an active FocP has a crucial role in the interpretation of other syntactic and pragmatic categories. I propose that in Kuikuro the Focus marker (MF) is a copular form, as in Avar and Somali, implying the presence of a Small Clause in Focus constructions.

Keywords: Kuikuro; Karib; left periphery; focus.